

Atendimento terapêutico multifamiliar: reflexões sobre o fazer sob a perspectiva construcionista¹

Leandro de Castro Rodrigues²

Stella Maria Poletti Simionato Tozo³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar e refletir sobre a prática extensionista na forma de atendimento grupal terapêutico com famílias de uma instituição atendida pelo “Projeto Vincular: reconstruindo relações familiares”. Essas famílias são caracterizadas como vulneráveis, vivenciando momentos difíceis na vida familiar, que envolvem situações conflituosas entre seus membros, sejam pais e filhos ou parentes da família ampliada, ou de sua rede social de convivência. A dinâmica dos grupos se baseou no pensamento sistêmico, na Psicologia e na terapia familiar sistêmica de base construcionista social, sendo realizados encontros semanais grupais com as representantes das famílias, com temas trazidos geralmente pelas participantes. Aprofundaram-se questões sobre o exercício da maternidade e seus desafios, temas individuais e questões de dificuldades relacionais. Considera-se que o trabalho desenvolveu espaço de reflexão, autonomia para a ação e criação de vínculos entre as participantes, além de um desenvolvimento profissional para os extensionistas e a coordenadora do projeto e uma articulação entre a Universidade e a comunidade, que conduz à transformação e aprimoramento de atuações e construção de novos conhecimentos.

Palavras-chave: Clínica Ampliada. Família. Grupos. Intervenção Familiar. Psicologia.

Multifamily therapeutic treatment: reflections on what to do under the constructionist perspective

ABSTRACT

This work aims to report and reflect on the extension practice in the form of therapeutic group care with families of an institution served by the *Vincular project: rebuilding family relationships*. These families are characterized as vulnerable, experiencing difficult times in family life, which involve conflicting situations between family members, whether parents and children or relatives of the extended family, or their social network of coexistence. The dynamic of the groups was based on systemic thinking in psychology and systemic family therapy, with a social constructionist basis, and weekly group meetings were held with family representatives, with themes usually brought in by the participants. Questions were raised about the exercise of motherhood and its challenges, individual issues and issues of relational difficulties. It is considered that the work developed a space for reflection, autonomy for action and creation of links between the participants, besides a professional development for the extensionists and the coordinator of the project and an articulation between the university and the community, that leads to the transformation and improvement of performances and construction of new knowledge.

Keywords: Extended Clinic. Family. Family Intervention. Groups. Psychology.

¹ Financiamento: Pontifícia Universitária Católica de Minas Gerais / Pró-reitoria de Extensão (ProEx).

² Graduando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Unidade São Gabriel. E-mail: leandro.decastro@outlook.com.

³ Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo – USP; Professora Adjunta da Faculdade de Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Coordenadora do “Projeto de Extensão Vincular: reconstruindo relações familiares”, PUC Minas - Unidade São Gabriel. E-mail: stellatozo@pucminas.br.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho relata as práticas extensionistas desenvolvidas pelo “Projeto Vincular: reconstruindo relações familiares”, que ocorreu em uma das instituições parceiras, junto ao “Projeto Sonoro Despertar: orquestra de flautas e coral”, durante o ano de 2018, descrevendo e refletindo sobre a prática que proporcionou um atendimento terapêutico grupal para as famílias com crianças ou adolescentes vinculados a este projeto.

O Projeto Vincular voltou-se para famílias vulneráveis e multiestressadas (MADSEN, 2010), no sentido de que elas vivenciavam momentos na vida familiar que incluíam situações como conflitos entre membros familiares, seja entre casais, pais e filhos, entre diversos membros familiares, ou ainda com pessoas de sua rede social de convivência. Essas dificuldades aconteciam com relação à prática de educação na família, variando desde violência intrafamiliar até a negligência em diferentes níveis (pessoal, com os filhos e até com a residência), além de desemprego, possível uso abusivo de álcool ou outras drogas, problemas com moradia e proximidade do local de residência com o tráfico de drogas.

Este projeto de extensão se iniciou no segundo semestre de 2017 e manteve-se até o final de 2018⁴, apresentando uma parceria com o projeto Sonoro Despertar e o curso de Psicologia da unidade São Gabriel, através da Clínica de Psicologia, cujo objetivo foi realizar grupos psicoterapêuticos com a população descrita anteriormente. Além dessa parceria, existiu a proximidade e articulação com outro projeto de extensão deste curso, já em andamento, o “Projeto Sonoro Despertar: intervenções socioeducativas”, que atuava com as crianças e jovens vinculados ao projeto musical da instituição.

Embora existam alterações na forma como a instituição familiar é considerada, ela ainda é um espaço privilegiado de socialização e tem um papel fundamental ao proporcionar aportes afetivos e materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar de seus membros, sendo também o lugar em que se aprofundam os laços de solidariedade (FERRARI; KALOUSTIAN, 2004). A sociedade contemporânea é marcada por várias desigualdades que, por sua vez, produzem modos de vida, tanto pessoal como familiar, que são mais vulneráveis a vínculos fragilizados, relacionamentos conflitantes, atos violentos e negligentes (PRATI; COUTO; KOLLER, 2009).

⁴ Desde seu início, participaram deste projeto no Sonoro Despertar mais três extensionistas, além do autor: Wellerson Matheus da Silva (2º semestre de 2017), Tamara Alessandra Santos Gomes (2º semestre de 2017 e 1º semestre de 2018) e Lorrayne Gonçalves de Freitas Chaves (1º e 2º semestre de 2018), graduandos em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – unidade São Gabriel.

Devido ao fato de as famílias em situação de vulnerabilidade se caracterizarem pela perda de autonomia perante situações adversas, sentimento de impotência para resolver problemas e insegurança para gerenciar seu modo de funcionamento, os grupos terapêuticos multifamiliares objetivaram proporcionar a essas famílias acolhimento e espaço com características terapêuticas, em um modelo de clínica ampliada, com atendimentos em grupo para que pudessem ressignificar seus momentos de vida, descobrindo e redescobrando seus recursos (muitas vezes, ainda que existentes, nublados pelo cotidiano atribulado) e reestabelecer uma rede social de apoio em seu local de moradia, de forma a proporcionar qualidade de vida a seus membros.

Reforça-se a importância do aporte experiencial promovido pelo referente projeto para todos os envolvidos: a comunidade atendida pelo Projeto Vincular, os alunos extensionistas e a coordenadora, que desenvolveram novas práticas e inter-relacionaram à teoria aprendida na sala de aula com o fazer na instituição parceira; a Universidade e a sociedade, que, ao dialogarem, se transformaram e ampliaram os saberes, se beneficiando mutuamente da troca de experiências e conhecimentos.

2 PRÁTICAS E REFLEXÕES

Este tópico traz as informações gerais e ressalta as mudanças que mais se destacaram no decorrer da prática realizada. Os seguintes recortes salientam pontos evidenciados pelas mudanças acarretadas nos grupos e suas respectivas famílias por intermédio das intervenções.

2.1 Sobre a instituição e as participantes

O “Projeto Sonoro Despertar: orquestra de flautas e coral”, que se iniciou no ano 2000, é conduzido pelos padres escolápios da Paróquia São Marcos, tem um cunho sociocultural, atende a aproximadamente 140 crianças e jovens, com idades entre 7 a 18 anos, que são ensinados e acompanhados na aprendizagem musical, em que “o processo educativo é mediado pelas aulas de flauta doce, mas com foco na formação integral dos participantes” (ANGELI; ARCANJO; SANTOS, 2016).

O projeto se localiza no bairro Maria Goretti, região Nordeste de Belo Horizonte, Minas Gerais, próximo à unidade São Gabriel da PUC Minas, tendo um impacto também em outros bairros da região, como Ipê, Eymard, União e Alvorada. Segundo dados da prefeitura, esta é uma área marcada, sobretudo, por enormes desigualdades sociais e apresenta diferentes padrões de

ocupação e de construções de moradia (PBH, 2016). Dessa forma, o Sonoro Despertar traz acesso à arte, cultura e valores da educação musical e, além disso, proporciona socialização, inclusão e resgate da cidadania aos seus integrantes.

Tendo em vista os grandes desafios em trabalhar com esta população, este projeto demandou à PUC Minas, no ano de 2013, uma articulação com seus projetos de extensão e recebeu, desde esta época, o acompanhamento do Curso de Psicologia da Unidade São Gabriel, por meio do “Projeto de Extensão Sonoro Despertar: intervenções socioeducativas”. Segundo Silva *et al.* (2018), esse projeto de extensão tinha como objetivo dar um atendimento às crianças e adolescentes da instituição, por meio de oficinas socioeducativas integradas e articuladas à educação musical, para proporcionar um diálogo entre a constituição social e cidadã dos educandos e a aprendizagem musical. Faltava, ainda, entretanto, uma maior proximidade com as famílias.

Dessa forma, desde o mês de agosto de 2017, inicia-se a atuação do “Projeto VincuLar: reconstruindo relações familiares” no “Projeto Sonoro Despertar: oficina de flautas e coral”, e os coordenadores receberam-no com entusiasmo, vislumbrando grande utilidade dessa oferta de trabalho com as famílias. Passa então a existir uma importante prática de interdisciplinaridade entre os dois projetos de extensão do curso de Psicologia. Enquanto um deles atua diretamente com seus aprendizes crianças e adolescentes, com um foco mais psicopedagógico, o outro traz um atendimento às famílias, com caráter de clínica ampliada, mas ambos considerando a complexidade das relações humanas e o desenvolvimento que se dá no contexto familiar, comunitário e histórico-social.

Os grupos multifamiliares ocorreram com uma periodicidade semanal, em dia e horário fixos no local institucional do Sonoro Despertar. A atuação extensionista foi realizada por duplas e com orientação semanal da coordenadora do Projeto VincuLar. A participação foi de, no máximo, dez famílias por encontro e representadas por mulheres, cuidadoras (mães ou avós) das crianças e adolescentes já componentes do Sonoro Despertar. Houve um total de 23 encontros no ano de 2018, sendo 12 no primeiro semestre e 11 no segundo. Os assuntos eram levantados pelas próprias participantes ou sugeridos pelos extensionistas quando percebiam demandas explícitas ou implícitas de temas para debate tocantes às percepções das integrantes, sempre focados em suas vivências enquanto mulheres, mães, cuidadoras, esposas ou não, membros de famílias extensas, trabalhadoras de trabalho formal, informal ou de cuidados com a casa e família, mostrando a multiplicidade de papéis que exerciam em suas vidas.

2.2 O atendimento psicológico grupal familiar e seus temas principais

Dentre as várias visões clínicas existentes na Psicologia, o trabalho terapêutico dos grupos multifamiliares aconteceu tendo como base teórica o pensamento sistêmico na Psicologia e a terapia familiar sistêmica com orientação do construcionismo social. Este foi um espaço importante para os alunos extensionistas do curso de Psicologia poderem relacionar os conhecimentos adquiridos em disciplinas do curso de graduação, como a Teoria Sistêmica e a Psicoterapia Sistêmica, e o atendimento familiar grupal e institucional. A troca de saberes entre a sala de aula e a prática extensionista se mostrou muito rica, trazendo questionamentos e desafios constantes na sua articulação, tanto para os alunos quanto para a coordenadora.

Dentro da abordagem sistêmica, o atendimento grupal familiar pode ser utilizado em diferentes contextos e com diversas finalidades, como: quanto à prática de educação (RAPIZO; ZUMA, 2014); em contexto institucional objetivando uma intervenção ampliada na vida das participantes (LIMA; ABDALA; BRAGA, 2006); em situações nas quais ocorreram abusos sexuais (COSTA; ALMEIDA; RIBEIRO; PENSO, 2009). A realização dos grupos inclui a participação ativa de cada membro através da conversação, com base na vivência e na troca de experiências das participantes, na reflexão e na construção de novas formas de pensar e agir embasadas em uma tomada de consciência de si, dos diversos ambientes e dos demais sujeitos também inseridos neles. O construcionismo social integra um movimento aliado a uma prática diversificada, envolvendo uma forma de estar no mundo que responde a características das vivências contemporâneas, como a importância das interações humanas, da produção de sentidos e das ações no mundo de forma compartilhada na construção social da realidade (RASERA; JAPUR, 2004).

Muitos foram os temas que surgiram nos encontros terapêuticos, contudo, alguns tiveram uma maior recorrência. Assim, serão ressaltados a seguir os mais presentes, que se ligaram à maternidade, temas pessoais e que envolveram os relacionamentos interpessoais.

2.2.1 Temas ligados à maternidade

Observou-se que os assuntos levantados pelas participantes inicialmente permeavam somente o exercício da maternidade. A princípio, buscavam a concretização de uma forma considerada socialmente “correta”, sem reflexão prévia acerca dessa prática e que todas desejavam poder desempenhar, mas que não conseguiam fazê-lo plenamente devido às várias atividades diárias. Essa maneira idealizada que demonstravam querer atingir demandaria uma dedicação absoluta à maternidade, submergindo seus tantos outros aspectos humanos nesse ato, sem que

houvesse um equilíbrio entre seus papéis. Apesar disso, as integrantes do grupo tinham, em sua maioria, a visão da maternagem, do amor, do cuidado com a saúde dos membros da família e de prezar pelo bem-estar deles como elementos que demandavam muito tempo, configurando-os enquanto um trabalho interminável. Para elas, o desempenho da maternidade era algo que exigia uma reafirmação constante. De acordo com Badinter (2011), a sociedade de modo geral coloca uma longa lista de deveres para as mulheres, com a imposição de novos padrões de conduta para as mães a cada dia. Tais imposições de padrão buscam extrair sempre o melhor da mulher como mãe, que, por sua vez, não tem chances de errar.

Nos encontros, as participantes relatavam situações que ocorriam no cotidiano, como pensavam e reagiam em algumas delas. Durante um deles, começaram a debater sobre a educação dos filhos e ocorreu um momento em que se perguntaram até que ponto deveriam educá-los ou deixá-los fazer o que quisessem e experienciar as consequências de seus próprios comportamentos. Após refletirem sobre o assunto, conversaram sobre os métodos que acreditavam funcionar, tais como castigo, diálogo ou mesmo se utilizando de fábulas. O fator que mais chamou a atenção dos extensionistas foi que nenhuma delas havia levantado a questão de punição física às crianças, até que uma das participantes relatou um fato ocorrido com sua filha e a sobrinha mais nova, quando acabou desferindo um tapa contra a filha por acreditar que seu ato, naquela situação, foi desrespeitoso. Essa mesma participante disse se sentir mal porque educava a sua filha e acreditava que a cunhada não o fazia com sua sobrinha da mesma forma, acrescentando que “um tapa não causaria maus efeitos em uma criança”, uma vez que ela própria havia apanhado, assim como inúmeras pessoas, e se tornaram “pessoas de bem” graças ao tipo de educação recebida. Com acordos e desacordos sobre essa afirmação, as integrantes debateram sobre o evento exposto e foi enfatizado o questionamento sobre os efeitos das “palmadas”, tanto para as crianças quanto para as mães, uma vez que afirmaram sofrer ao tomarem essa decisão em certas situações.

Os extensionistas buscaram salientar a existência de uma infinidade de formas distintas para educar os filhos, instigando as participantes à reflexão sobre as maneiras possíveis de repreender e educar sem usar métodos mais agressivos ou mesmo passivos no estabelecimento dessas relações. Após esta provocação, as participantes levantaram diversas alternativas, como o uso de personagens os quais as crianças admiravam para exemplificar situações e momentos de conversa sobre o motivo da criança ter tido dado comportamento. Ao final, terminaram o encontro pensando nessas e outras formas de educá-los de forma assertiva e de acordo com o que consideravam o mais correto e desejado.

2.2.2 *Temas pessoais*

Durante os encontros ocorridos no primeiro semestre de 2018, foram abordados assuntos voltados principalmente para as relações dessas mulheres com os filhos, mas também com o marido e a família de uma forma geral. Contudo, no segundo semestre os encontros trouxeram uma abordagem mais pessoal e, ao mesmo tempo, abrangente, focando, além do cotidiano doméstico, questões que abarcavam também o âmbito pessoal das participantes como autoestima, autoconfiança, senso de valorização, atividades que realizavam com foco no próprio bem-estar e a frequência com que estas eram executadas. Trabalharam-se as confluências e a diversidade de experiências de vida de cada uma enquanto mulheres na sociedade, de acordo com as suas particularidades, e como todos esses pontos poderiam impactar nas relações que estabeleceram em seus entornos. Os demais tópicos que surgiam também eram discutidos, visando a uma estratégia terapêutica que buscasse abranger tanto o campo individual quanto o inter-relacional, atendendo sempre a dinâmica grupal.

Dentre as questões ligadas ao aspecto de preponderância individual no ambiente terapêutico grupal, Zuma (1997, s.p.) destaca o seguinte: “[...] A ação de [uma pessoa] recontar a sua história, de redefinir significados funcionará como deflagrador de mudanças”. Em observância a esta afirmação, pode-se destacar o relato de uma das participantes do grupo de terapia, que atestou sobre as modificações evidenciadas no âmbito individual, decorrentes do processo grupal vivenciado, expressando que os temas debatidos confirmaram sua multiplicidade de papéis, mas também a sua importância de existir enquanto pessoa. Afirmou precisar cuidar dos filhos como mãe e dar atenção para o marido, mas também que precisava voltar sua atenção para si mesma, dizendo que

isso gerou algo de muito bom dentro de mim [...] a gente tem que perceber que a gente é a gente e não podemos deixar de sermos nós porque, quando você deixa de ser você e vai pensando só nas outras coisas, você começa a se excluir. (Participante do grupo multifamiliar).

No último encontro, uma das integrantes do grupo disse que o momento mais importante para ela foi quando pôde falar da morte de seu pai, pela primeira vez sem chorar, e que atualmente consegue tocar no tema em outros lugares com a tranquilidade que adquiriu com o grupo, afirmando: “A saudade que agora sinto dele é sadia”.

Para Luna e Moré (2017), este processo é a porta de entrada para gestar novas narrativas e o processo de dar significado, gerando outra realidade, como a da perda, do enlutamento, da crise, do enfrentamento e da mudança.

Sobre esse processo ativo que é a capacidade de modificação, Rossato (2017) explicita:

Saber, ter conhecimento, nos traz poder e isto pode nos conduzir à autonomia. Desenvolvendo curiosidade, tornamo-nos questionadores. As indagações nos ajudam a refletir e tentar encontrar alternativas e isto proporciona uma nova maneira de ver e entender a realidade que os cerca, contribuindo para criar ou recriar diferentes padrões de interação com esta realidade. Vai-se construindo a possibilidade de reconhecer que somos capazes de transformar a realidade e nós mesmos. (ROSSATO, 2017, p. 141).

Os relatos de experiências expostos acima e outros demonstraram as potencialidades inerentes a cada um dos membros do grupo multifamiliar com o qual o Projeto teve a oportunidade de trabalhar.

2.2.3 Temas sobre relacionamentos interpessoais

Durante os encontros, as mulheres, por diversas vezes, relataram que seus companheiros acreditavam que sua rotina (cuidar da casa, dos filhos, trabalhar fora de casa e ainda ter um tempo para cuidar de si) consistia em algo descomplicado e que poderia ser feito sem o menor problema. Ao compartilharem essa visão dos maridos, demonstravam que conseguiam exercer todas essas funções, mas não se sentiam totalmente valorizadas por seus respectivos parceiros. Em um determinado encontro, trouxeram o quanto essa jornada muitas vezes é complicada e percebiam a pressão de não poderem se ausentar de nenhuma dessas funções exercidas. Relataram ainda que, se um dia adoecessem ou precisassem ficar hospitalizadas, seus cônjuges não saberiam gerenciar a casa e nem lidar com os filhos da maneira como elas fazem. Segundo elas, “todos podem eventualmente tirar um dia de folga, passar mal ou se indispor, mas eu não poderia porque [acreditavam que] nada funcionaria ou nenhuma situação se resolveria em suas famílias”.

Moreira (2009) ressalta que, no século XX, após as Grandes Guerras, o contexto familiar e de vida favoreceu a inserção da mulher em diversos âmbitos aos quais anteriormente ela não tinha acesso. As mulheres passaram a assumir os negócios da família e a comandar as casas enquanto os maridos estavam no campo de guerra. Segundo a autora, a transição de um modelo tradicional de maternidade, em que a mulher era definida essencialmente e exclusivamente como mãe, passa então a ter um novo modelo moderno, em que a mulher que é mãe passa a ter acesso à educação e inicia seu ingresso no mercado de trabalho. Ao longo do tempo, a jornada da mulher passa a incluir diversas funções. Hoje, mesmo com as mudanças e os avanços da sociedade, ainda há uma visão hegemônica na sociedade sobre as expectativas a respeito da mulher ser a figura feminina e estruturante do lar.

Com relacionamentos intrafamiliares marcados por fronteiras rígidas de contato, as participantes do grupo se queixaram inúmeras vezes sobre suas multitarefas, descrevendo essa diferença de poder, assim como foi explicitado. De acordo com Koller e Narvaz (2007):

A terapia feminista da família é uma prática terapêutica comprometida com a mudança social e com o empoderamento das mulheres na medida em que se opõe à normatização patriarcal hegemônica na sociedade, sobretudo na definição tradicional e estática de papéis e relações familiares baseadas em estereótipos sexistas. [...]. (KOLLER; NARVAZ, 2007, p. 124).

A partir disso e buscando a aplicação de práticas já existentes em seus cotidianos, ocorreram discussões que levantaram questionamentos referentes ao padrão relacional fixo nesses sistemas familiares, realizando um atendimento terapêutico multifamiliar com um caráter também feminista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de extensão realizada no “Projeto Vincular: reconstruindo relações familiares” trouxe desafios e aspectos positivos para todos os envolvidos, sendo eles as famílias e integrantes do projeto parceiro, Sonoro Despertar, os alunos extensionistas e a coordenadora, o curso de Psicologia e a PUC Minas, bem como a sociedade como um todo, pelas contribuições geradas no cruzamento das práticas extensionistas e do conhecimento acadêmico gerado a partir delas.

Para as famílias atendidas, foi um espaço de acolhimento e troca de experiências significativas, mostrando que mudanças são possíveis e podem ser potencializadoras de saúde e geradoras de bem-estar, abrangendo diversas perspectivas e partindo das narrativas de capacidade e recursos pessoais já disponíveis. É possível existir uma sociedade mais compreensiva e inclusiva, através das transformações, muitas vezes percebidas como pequenas, que acontecem nos grupos de pertencimento e se ampliam nas gerações seguintes.

Para os alunos extensionistas, ocorreu a prática e a aprendizagem na área da clínica psicológica ampliada, com uma atuação clínica em espaço institucional e comunitário, atividade essa que vem ganhando relevância. A experiência trouxe habilidades e competências para os alunos que vão além do atendimento individual ao qual já estão mais familiarizados, trabalhando terapêuticamente com grupos familiares. Isso implicou uma participação ativa no trabalho, conhecendo uma realidade problematizada da clínica psicológica em contextos diferenciados. A docente responsável atuou neste Projeto, que tem um caráter inovador no curso de Psicologia da PUC Minas – unidade São Gabriel, para além do ensino, elaborando uma metodologia de

atendimento em grupos familiares, trabalhando com uma clínica ampliada, em local comunitário, com uma população específica de famílias com dificuldades na parentalidade e nas demais relações, ainda em situação de grande vulnerabilidade social.

A interdisciplinaridade dos projetos relatados, com diferentes ênfases, articulam um olhar integral ao ser humano, sua história de vida, relações, espaços culturais e de cidadania e inclusão social. Enquanto o “Sonoro Despertar: orquestra de flautas e coral” foca em seus aspectos culturais, artísticos, e de socialização, o “Sonoro Despertar: intervenções socioeducativas” tem atendido a construção do saber das crianças e jovens, atualmente enfocando os aspectos educacionais e psicopedagógicos, além da importância da construção de si em seu aspecto grupal. Por fim, o “Vincular: reconstruindo relações familiares” traz o espaço das relações familiares significativas, constituintes do indivíduo desde seu nascimento, como uma forma de acolhimento e escuta da família em seus momentos de vida mais desafiantes. O aspecto transversal que liga todos esses projetos está na dimensão humanista da visão de mundo e na crença da importância da transformação social.

O curso de Psicologia da PUC Minas, desse modo, enriquece a formação dos alunos, oferecendo a possibilidade de aquisição de competências e habilidades em campos do saber tanto clínicos como institucionais, ao se localizar na intersecção dessas áreas da Psicologia e das ênfases observadas no projeto pedagógico do curso. Por fim, a Universidade e a sociedade ganham a partir da construção de novos saberes e da articulação que visa trazer contribuições para interferir na realidade da comunidade do entorno, ajudando a minimizar sofrimentos e conflitos.

REFERÊNCIAS

- ANGELI, Rafael; ARCANJO, Lívia; SANTOS, Bruna. Acordes que transformam. **Revista PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 13, 2016. Disponível em: <http://www.revista.pucminas.br/materia/acordes-que-transformam/>. Acesso em: 09 jun. 2019.
- BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- COSTA, Liana Fortunato; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de; RIBEIRO, Maria Alexina; PENSO, Maria Aparecida. Grupo Multifamiliar: espaço para a escuta das famílias em situação de abuso sexual. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 1, jan./mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n1/a04v14n1.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- FERRARI, M.; KALOUSTIAN, S. M. Introdução. In: KALOUSTIAN, S. M. (org.). **Família Brasileira, a base de tudo**. 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília-DF: UNICEF, 2004.
- KOLLER, Sílvia Helena; NARVAZ, Martha Giudice. Feminismo e terapia: a terapia feminista da família – por uma psicologia comprometida. **Revista Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n2/a09v19n2>. Acesso em: 18 mar. 2019.

- LIMA, M. J.; ABDALA, M. N. L.; BRAGA, S.C.A. Construindo equipes para o trabalho com multifamílias. *In: OLIVEIRA, S. M.; GONÇALVES, T. E. (org.). Famílias e Instituições: enlaces possíveis.* Taubaté-SP: Cabral Editora, 2006. Cap. 5, p. 89-115.
- LUNA, Ivania Jann; MORÉ, Carmen Ojeda. Narrativas e processo de reconstrução do significado no luto. **Revista M.** Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, jan./jun. 2017. Disponível em: http://www.revistam-unirio.com.br/arquivos/2017/10/v02_n03_a08.pdf. Acesso em: 18 mar. 2019.
- MADSEN, W. C. **Terapia Colaborativa com famílias multiestressadas.** São Paulo: Roca, 2010.
- MOREIRA, Renata Leite Cândido de Aguiar. **Maternidades: os repertórios interpretativos utilizados para descrevê-las.** 2009. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009. Disponível em: <http://www.pgpsi.ip.ufu.br/sites/pgpsi.ip.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/DissertacaoRenataLeiteC.A.Moreira.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- PRATI, Laíssa Eschiletti; COUTO, Maria Clara P. de Paula; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias em Vulnerabilidade Social: Rastreamento de Termos Utilizados por Terapeutas de Família. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n. 3, jul./set. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n3/a14v25n3.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2017.
- RAPIZO, Rosana; ZUMA, Calos Eduardo. Transformando práticas educativas, da palmada ao diálogo: relato de uma experiência em duas comunidades no Rio de Janeiro. *In: GUANAES-LORENZI, C; MOSCHETA, M. S.; CORRADI-WEBSTER, C. M.; SOUZA, L. V. (org.). Construcionismo social: discurso, prática e produção do conhecimento.* Rio de Janeiro: Instituto NOOS, 2014.
- RASERA, Emerson F.; JAPUR, Marisa. Desafios da aproximação do construcionismo social ao campo da psicoterapia. **Estudos de Psicologia.** Natal, v. 9, n. 3, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a05v09n3.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2014.
- ROSSATO, Mara Lúcia. Terapia Familiar como um Espaço de Ressignificação das Relações. **Pensando Famílias**, v. 21, n. 2, jul. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v21n1/v21n1a11.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2019.
- SILVA, Amanda Luiza Lobo *et al.* Sonoro Despertar: Intervenções Socioeducativas. *In: BARROS, Ev'Ângela Batista Rodrigues de (org.) Extensão PUC Minas: encontros e diálogos.* Belo Horizonte: PUC Minas, 2018. *E-book.* Disponível em: http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20180928180348.pdf. Acesso em: 14 jun. 2019.
- ZUMA, Carlos Eduardo. **Terapia de família sistêmico-construtivista.** CRP-05, 1997. Disponível em: <http://www.noos.org.br/userfiles/file/Terapia%20de%20Fam%C3%ADlia%20Sist%C3%AAmico-Construtivista.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2019.